



O OLHAR QUE TRANSCENDE A VISÃO: IMAGENS EM BUSCA DE EXPERIÊNCIAS

Clarinda Aparecida da Silva

RESUMO

Este artigo, através da utilização de Imagens fotográficas, procura identificar a preferência dos grupos "de dentro" - moradores nativos e migrantes - e "de fora" - turistas, por determinadas paisagens da área de visitação turística do *Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros*. A partir destas preferências foram expostas características, sentimentos, valores que fizeram com que essas paisagens sobressaíssem com maior ou menor significâncias para os pesquisados, os quais revelaram respostas de natureza topofílicas e ou topofóbicas. Os valores, sentimentos e significados manifestados e aqui analisados permitiram perceber que, exposta à contemplação e lazer especialmente das populações urbanas, a paisagem do Parque vai muito além do visual oferecido pela natureza. Ela é, antes de tudo, fruto da história e da cultura materializada em diversos momentos e, num processo de contínuas transformações conduzidas principalmente pelo ritmo do turismo traduz-se em diversas paisagens carregadas de significados múltiplos.

Palavras-chave: Paisagem; Valores; Significados; Percepção Ambiental.

ABSTRACT

This article, through the utilization of pictures wants to identify the preference of the insiders - native and migrant inhabitants - and the outsiders - the tourists, for certain sceneries of the area which people visit in the "*Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros*". From these preferences, characteristics feelings and values, which were exposed, made that those sceneries became distinguished in a larger or smaller order of significance to the researches, which revealed answers with the character of topophobia. The values, feelings and meanings manifested allowed us to perceive that exposed to the contemplation and leisure especially of the urban population, the view from the park goes beyond of the visual offered by the nature. Above all it is the result of the history and materialized culture in several moments, and in a process of continuous transformation lead mostly by the rhythm of the tourism that express many landscapes loaded of multiple meanings.

Keywords: Landscape; Values; Meanings; Environmental Perception.

O OLHAR QUE TRANSCENDE A VISÃO: IMAGENS EM BUSCA DE EXPERIÊNCIAS

São essas figuras impalpáveis que, entrando por nossas pupilas adentro e impressionando as nossas retinas, nos aparecem como imagens da natureza e dos nossos semelhantes.

Os olhos recebem passivamente, com prazer ou desprazer, contanto que estejam abertos, verdadeiras sarabandas de figuras, formas, cores, nuvens de átomos luminosos que se ofertam em danças e volteios vertiginosos, aos sentidos do homem. E o efeito desse encontro deslumbrante pode ter um nome: conhecimento. (Bosi, 1998)

1. O Olhar que Transcende a Visão: Imagens em Busca de Experiências

O efeito desse encontro, que Bosi chama de conhecimento, tomando por base as considerações de Tuan (1983: 10), "*[...] é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento*". Segundo ele, ver e pensar estão intimamente relacionados e o pensamento dá colorido a toda a existência humana. Nesse sentido, o olhar abstrai sensivelmente pontos de interesses, perspectivas, sensações transmitidos nas experiências com as paisagens e expressam-nos na forma de valores, significados e sentimentos. Somando-se a essas considerações Meneses (2002), o qual afirma que a percepção visual é condição fundamental para a existência cultural da paisagem, pois não existe paisagem sem observador, mas cabe conhecer, também, as determinações históricas e culturais que a subjetividade humana constrói.

Condicionado pelas diversas experiências que o indivíduo vive em sua cultura, o ato de perceber "*[...] vai muito além das imagens do ambiente geradas a partir da percepção individual, constituindo a história do passado e o estado do indivíduo quando entra em contato com um estímulo*" (AMARAL, 2001:38).

Nessa perspectiva, entendemos que através da percepção visual os indivíduos e/ou os grupos apreendem a paisagem, atuam sobre ela e criam a partir dela, portanto, experienciando-a. A percepção é fundamental para entendermos a preferência, o gosto, os laços afetivos ou não das comunidades com as paisagens. Logo este estudo - resultado de outro mais amplo (SILVA, 2003) *recorrendo às imagens fotográficas de variadas paisagens* do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, as quais são direta ou indiretamente vivenciadas pelos grupos "*de dentro* **1**" - moradores nativos **2** e migrantes - "*de fora*" - turistas, procura identificar como esses distintos grupos sócio-culturais percebem as paisagens do Parque.

Essa Unidade de Conservação está localizada no *Planalto Central do Brasil*, na região Nordeste do Estado de Goiás e Microrregião da Chapada dos Veadeiros. É uma área que vem sendo procurada por inúmeros turistas e migrantes, principalmente, como espaço de lazer e de mudanças no seu modo de vida diário. A relação desses grupos com o ambiente somada ao convívio diário daqueles que já moravam e moram no entorno desta unidade, resulta em experiências diversificadas com a paisagem. Daí entre a multiplicidade de paisagens que oferece e podem ser observadas em um Parque Nacional, sentimentos e nuances diferenciadas as tornam belas, feias, atraentes,

especiais, desagradáveis, entre outros atributos que variam conforme a percepção que os indivíduos e/ou grupos têm do ambiente.

Assim, oferecendo aos olhares pesquisados diversificadas imagens da paisagem em estudo procuramos buscar aquelas interiorizadas e que mediante expressões de sentimentos, de valores e de significados são exteriorizadas pelos grupos que diferentemente as vivenciam. Cenário da atividade turística e da vida dos moradores da Vila de São Jorge, portal de entrada do Parque, essas paisagens devem ser entendidas como um centro de significados, encontros e interesses variados que partem dos grupos sociais que direta ou indiretamente as experienciam.

Nesse direcionamento, a essência das informações coletadas foi a manifestação, mediante a indicação de fotografias, das preferências desses sujeitos pelas paisagens do Parque que lhes chamam atenção. Esta estratégia de investigação foi planejada a partir de adaptações da técnica proposta por Bley (1990). Entre imagens fotográficas produzidas em etapas de campo anteriores, foram selecionadas 16 fotografias que registram os principais atrativos e outras paisagens da área de visitação turística do Parque.

No instrumento de pesquisa as fotografias foram numeradas numa seqüência de 01 a 16, evitando-se identificá-las e agrupá-las em categorias (rios, cachoeiras, vegetação em suas diversas formas, entre outras paisagens), para não condicionar o sujeito a escolher determinada paisagem. Para alcançar esses objetivos as fotografias foram apresentadas aos sujeitos, ao mesmo tempo, em um álbum contendo duas ou três por página, acompanhado de um questionário entregues aos pesquisados, após estes confirmarem já conhecer a área em estudo e se disporem a participar. Embora essas paisagens tenham sido por nós escolhidas e essa escolha reflete, ainda que indiretamente, a percepção do pesquisador, as respostas de vários moradores que detêm pleno conhecimento da área, indicam que as imagens apresentadas contemplam bem a área de visitação turística da Unidade.

As questões apresentadas, juntamente com as fotografias, permitiram aos sujeitos fazer suas escolhas pelas paisagens retratadas em uma escala ordinal de primeira, segunda e terceira opção, justificando-as. No entanto, para efeito de análise, consideramos mais viável apresentar os resultados resumidos, somando as três opções (Fig. 1). Além dessas opções pelas paisagens que chamam atenção, questionamos os sujeitos sobre a existência de paisagens que os desagradam (Fig. 2), e a possibilidade de inclusão de outra paisagem além das apresentadas. Esta última não consta nos quadros abaixo, apenas na análise dos dados. Procuramos com esta técnica:

- Identificar que paisagens mais chamam atenção dos grupos e os valores e/ou significados a elas atribuídos;
- Identificar os sentimentos que afloram diante dessas paisagens;
- Verificar se o morador na sua escolha e justificativa por determinada paisagem, demonstrava perceber peculiaridades da paisagem conhecida somente por ele, e não percebida pelo turista.
- Identificar os componentes paisagísticos que mais se destacam aos olhares pesquisados;
- Verificar a capacidade dos sujeitos de perceber outras paisagens e/ou componentes, além das apresentadas.

Tabela 01. Quadro demonstrativo das paisagens do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que mais chamaram a atenção dos sujeitos pesquisados.

PAISAGENS SELECIONADAS POR ORDEM DE PREFERÊNCIA												
Fotografias (paisagens)	Morador nativo				Morador migrante				Turista			
	1ª	2ª	3ª	Total	1ª	2ª	3ª	Total	1ª	2ª	3ª	Total
01	05	01	01	07	04	02	01	07	07	06	03	16
02	--	02	01	03	--	--	01	01	03	01	01	05
03	04	03	01	08	03	03	01	07	03	03	03	09
04	--	--	--	--	01	--	--	01	--	--	--	--
05	01	03	02	06	01	--	--	01	--	--	--	--
06	--	--	--	--	--	01	--	01	--	--	01	01
07	--	--	03	03	--	--	01	01	04	01	04	09
08	--	--	--	--	--	--	01	01	01	02	02	05
09	--	--	--	--	03	01	--	04	05	04	04	13
10	--	01	01	02	--	--	02	02	01	--	02	03
11	--	--	01	01	--	01	--	01	01	02	--	03
12	--	--	01	01	01	02	--	03	01	02	03	06
13	02	04	--	06	--	03	--	03	05	01	05	11
14	--	--	01	01	--	--	--	--	--	--	--	--
15	03	02	02	07	03	01	02	06	07	09	05	21
16	01	--	01	02	--	02	07	09	02	09	07	18

Fonte: SILVA, 2003

Tabela 02 - Quadro demonstrativo das paisagens do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, que desagradam os sujeitos pesquisados.

PAISAGENS QUE DESAGRADAM			
Fotografias (paisagens)	Morador nativo	Morador migrante	Turista
05	--	--	01
08	--	--	01
09	--	01	--
10	02	04	03
11	--	--	01
13	01	--	--
16	--	--	01

Fonte: SILVA, 2003

A partir da tabulação dos resultados obtidos pela indicação das fotografias preferidas pelos sujeitos, passamos, conforme a ordem de preferência pelas paisagens, à discussão e análise da percepção dos "de dentro" e, posteriormente, dos "de fora". Entremeio à descrição dos olhares dos dois grupos, incluímos as paisagens submetidas à avaliação destes, através das 16 fotografias ³ identificadas e apresentadas pelas figuras numeradas de 03 a 18.

1.1. Paisagens que Atraem o Olhar dos "de dentro"

[...] É uma vista linda. É uma coisa que fica gravada na mente, não precisa nem tirar foto.
(Moradora Nativa de São Jorge, 2002)

As três primeiras paisagens preferidas pelos moradores nativos são a *Cachoeira das Cariocas*, os *Paredões* e *Vale na Chegada aos Saltos* e a *Cachoeira do Salto I*, representadas pelas fotografias 03, 01 e 15 (Figs. 03, 04 e 05) respectivamente.

A escolha da paisagem da Cachoeira das Cariocas recai, principalmente, em sua beleza estética que emana sentimentos topofílicos e significados subjetivos:

Paisagem maravilhosa, água parece brotar das pedras, sinto relaxada (morador nativo/até 25 anos/funcionária de restaurante).

Transparece ainda entre os depoimentos desse grupo um olhar atento às formas da paisagem e sensações, que ultrapassam o alcançado pela imagem visual. Experienciando o som da cachoeira, o morador relata que:

[...] ela pode ser vista de vários ângulos. Gosto muito do som da cachoeira
(morador nativo/sexo masculino/36-45 anos/agricultor).

Nota-se uma combinação dos sentidos de visão e audição que torna mais fecunda a apreensão da paisagem. De acordo com Tuan (1983, p. 16), quando se tem visão e capacidade de mover-se "*[...] os sons enriquecem muito o sentimento humano em relação ao espaço*".

É possível observar, também, uma intensidade na experiência com essa paisagem que faz um morador se sentir como parte da própria paisagem, como mostra seu registro:

Pela forma como a água cai sobre as pedras, sinto a própria gotinha. Sensação de leveza (nativo/sexo feminino/26-35 anos/funcionária de restaurante).

Essa experiência do morador com a paisagem vai além da percepção visual. Nesse caso, a paisagem não está apenas ao alcance do olhar, mas envolve outros sentidos (MACHADO, 1988)

Com relação ao *Salto I*, os laços afetivos manifestados por essa paisagem, mostram numa nítida identificação expressada por sentimentos de pertencimento ou pelas recordações. Identificam-na como a beleza do quintal de casa ou pelas intensas lembranças vividas no garimpo. Os moradores nativos percebem nessa paisagem além da beleza estética, o lar, o passado, as emoções e sensações vividas:

O cartão-postal, devia chamar Santana, lá tinha um garimpo de nome Santana (morador nativo/ 46-44 anos/guia/ex-garimpeiro).

Mostra a beleza do quintal de casa (morador nativo/ sexo feminino/26-35 anos/guia/professora).

Pelos registros de dois sujeitos, ex-garimpeiros, o contato cotidiano e as emoções ligadas ao passado conferem uma interioridade existencial com a *Cachoeira do Salto I*, desvelada por interações sensoriais de um passado presente. Nesse sentido, [...] "*el recuerdo de las experiencias pasadas - individuales y colectivas - mantenidas com el paisaje percebido cotidianamente, es esencial em la configuração de su mundo vivido presente*" (NOGUÉ i FONT, 1992: 95). As justificativas desses moradores pela escolha da paisagem do Salto I exemplifica essas considerações:

Beleza que nunca acaba, mesmo que a água seque. Tenho lembranças da época do garimpo, das pescarias (morador nativo/sexo masculino/mais de 55 anos/comerciante/ex-garimpeiro).

Lembro da árvore garapa que existia lá. Vê aquela fumaça, sentir a água (morador nativo/ sexo masculino/mais de 55 anos/comerciante/ex-garimpeiro).

São nessas paisagens, centro e cenário da história de vida desses ex-garimpeiros, que os lugares foram criados e estruturados e suas imagens são percebidas e gravadas na memória, permanecendo viva na força dos seus sentimentos e em cada lembrança.

A paisagem dos *Paredões e Vale na Chegada aos Saltos*, apesar de fazer parte do cotidiano dos nativos é percebida como diferente. Esses moradores, também realçam a beleza da paisagem, mas fundamentam suas opções nos componentes desta. Eles atribuem valores ecológicos à paisagem, percebendo-a como um conjunto em que diversos elementos formam um todo e que, na visão de um deles, contrastam:

Pelo visual lindíssimo e o contraste vegetação/montanha (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/comerciante/ex-garimpeira).

Composição vegetação, água e vale (morador nativo/ sexo feminino/professora/comerciante).

Pela beleza da diversidade de vegetação: mata, arbusto alto e grande (morador nativo/sexo masculino/46-55 anos/comerciante).

Para os moradores migrantes entre as paisagens que obtiveram maior preferência dos sujeitos desse grupo, também estão a *Cachoeira das Cariocas* (Fotografia 03; Fig. 3), os *Paredões e Vale na chegada aos Saltos* (Fotografia 01; Fig. 4) e a *Cachoeira do Salto I* (Fotografia 15; Fig. 5). No entanto, somando as opções, a paisagem de maior preferência

desse grupo é a da Flor do Candombá (Fotografia 16; Fig. 6), que difere das escolhas manifestadas pelos nativos.

Os migrantes, na escolha da Flor do Candombá acrescentam em suas justificativas o exotismo ou sutileza das flores do cerrado, contrapondo-se com o clima rústico. Valores utilitários e econômicos também são manifestados, conforme mostra o registro abaixo:

Ela possui óleo repelente que chama atenção. Era usado para acender fogueira, para fazer comida (migrante/sexo masculino/26-35 anos/guia).

A flor do Candombá pode comer. Ela tem óleo inflamável que serve para fazer fogo. Tem ela em camisetas, e existe pesquisa que ela serve de remédio para AIDS (morador migrante/sexo masculino/46-55 anos/guia/ comerciante).

Os migrantes que escolheram a paisagem da Cachoeira das Cariocas, apresentam em suas justificativas, principalmente, o valor estético e de lazer dessa paisagem, como exemplifica os seguintes registros:

É uma beleza diferente. Oferece lugar para curtir, apreciar e pode entrar nas quedas d'água (morador migrante/sexo masculino/36-45 anos/guia/comerciante).

Pelas oportunidades de banho de cachoeira (morador migrante/26-35 anos/sexo masculino/guia).

Os Paredões e Vale na Chegada aos Saltos que obtiveram o mesmo número de preferências que a Cachoeira das Cariocas, também receberam valores estéticos ressaltados pelos migrantes através das expressões: imensidão e grandiosidade. Entretanto, os sujeitos desse grupo, assim como os moradores nativos introduzem valores ecológicos a essa paisagem, apreciando-a como conjunto natural em que vários elementos se sobressaem, principalmente, água e a vegetação:

Porque se pode ver a totalidade, a síntese do Parque: água, vegetação, montanha (morador migrante/sexo masculino/36-45 anos/serralheiro).

O relevo, recurso hídrico e diversidade vegetativa se compõe com força e graça (morador migrante/sexo maculino/36-45 anos/artista plástico).

Já a escolha dos migrantes pela paisagem do Salto I centra-se, essencialmente, na beleza estética e no significado visual que essa paisagem representa para a Chapada. Isto pode ser confirmado pelos seguintes registros:

Cartão-postal. Já vi muita gente chorando por não poder chegar lá perto (morador migrante/sexo masculino/46-55 anos/guia).

Porque é a paisagem mais famosa da Chapada (morador migrante/26-35/sexo masculino/guia).

Embora esses moradores venham estabelecendo relações afetivas com as paisagens do Parque, ainda é presente na percepção desses sujeitos a imagem de paisagem espetáculo. Para eles a beleza, a imponência e a magnitude dessa cachoeira lhe conferem o caráter de postal. Segundo (NOGUÉ i FONT, 1992) uma paisagem se converte [...] "*en un paisaje espectáculo cuando no podemos asociarlo a nuestra experiencia, a nuestro pasado, a nuestro recuerdos, a nuestros emociones y sensaciones*".

Retomando as percepções dos nativos, observa que outras paisagens tiveram forte preferência desse grupo como: o *Canyon II* e a *Vegetação do Cerrado* em várias Fitofisionomias, exibidas, particularmente, através das fotografias 13 e 05 (Figs. 7 e 8).

Diante da paisagem do *Canyon II*, esses sujeitos descortinam diferentes sentimentos que se divergem. Ela desperta adrenalina, perigo e sentimento de respeito a natureza, como também tranqüilidade e prazer pelos banhos nas piscinas naturais. Alguns registros exemplificam essas percepções:

Pela sensação de respeito à natureza, pois é uma paisagem bonita e perigosa (morador nativo/sexo feminino/até 25 anos/funcionário de restaurante).

Pelo perigo e adrenalina ao saltar das pedras (morador nativo/sexo masculino/até 25 anos/estudante).

Lugar tranqüilo para tomar banho nas piscinas (morador nativo/sexo masculino/45-55 anos/guia/ex-garimpeiro).

É possível observar, ainda, a manifestação de uma relação duradoura com a paisagem, mesclando emoção despertada pela beleza identificada em determinados momentos vividos que afloram o entusiasmo de um ex-garimpeiro. Nesse caso, a beleza da paisagem é sentida através da afetividade por um lugar que se conhece bem (TUAN, 1980).

Lugar mais bonito nas cheias. Sinto entusiasmado. Conheço há 40 anos (morador nativo/sexo masculino/mais de 55 anos/ex-garimpeiro)

Em relação à paisagem da *Vegetação do Cerrado* em várias Fitofisionomias verifica-se que as flores são um aspecto acentuado, possivelmente porque este sobressai na imagem desta paisagem. Esses sujeitos desvelam preferência pela beleza das flores do cerrado, mas, também, valorizam a diversidade da vegetação como um todo:

Parece um jardim, nem parece no Parque. É raro esse acontecimento, tem mês de floração (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/guia).

Beleza do cerrado apesar de seco, sempre florido (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/comerciante).

Pelos vários tipos de vegetação: cerrado, vereda e flores (morador nativo/sexo feminino/36-46/professora/comerciante).

Voltando aos **moradores migrantes**, seguindo a mesma ordem de preferências, a paisagem que vem em segundo lugar na somatória das opções desse grupo é a *Cachoeira do Salto II*, representada pela fotografia 09 (Fig. 9), seguida das paisagens do *Canyon II* e da *Piscina Natural das Corredeiras* - fotografias 13 e 12, respectivamente (Figs. 7 e 10). Nota-se, aqui, que a escolha dos migrantes e nativos coincide somente quanto à paisagem do *Canyon II*.

Os sujeitos desse grupo que fizeram opção pela *Cachoeira do Salto II*, basearam suas justificativas, essencialmente, em valores estéticos como beleza, imensidão e o volume de água em movimento. A visão de Paraíso é desvelada na percepção de um morador. Segundo ele é:

[...] muita beleza para um só Paraíso (morador migrante/sexo masculino/26-35 anos/subgerente de pousada).

Embora esse migrante more na Vila há mais de dois anos e declare vivenciar um contato, de certa forma, constante com o Parque, ele manifesta um olhar igual aos, geralmente, emitidos pelos turistas. Esse olhar reporta a idéia de paraíso perdido, possivelmente, condicionada pelas campanhas publicitárias que fabricam imagens de lugares paradisíacos, no sentido de vender o retorno à natureza. Nesse caso, os anseios dos indivíduos pela contemplação silenciosa de uma natureza inédita e intocada são explorados pela indústria cultural e a publicidade que predeterminam os olhares através de modelos e imagens criados para o turismo. Daí, utilizando das expressões de Bachelard (1988:130), precisa-se "*[...] perder o paraíso terrestre para vivê-lo verdadeiramente, pra vivê-lo na realidade de suas imagens, na sublimação absoluta que transcende [...] a visão de paraíso*".

As paisagens do *Canyon II* e da *Piscina Natural das Corredeiras* foram escolhidas, principalmente, pelo componente água. A *Piscina Natural das Corredeiras* é preferida pela possibilidade de nadar e a tranqüilidade que oferece. Significados subjetivos são atribuídos a essa paisagem através dos sentimentos de serenidade e segurança. Já no *Canyon II*, a água sobressai pela quantidade e volume. O valor utilitário da água é percebido por um dos sujeitos que acrescenta o fato de haver tanta água e a Vila estar sem água. Na visão de um dos moradores a água em movimento forma um contraste com as rochas, enquanto uma se movimenta; a outra se mantém imóvel:

Água e pedra juntas me impressiona muito. A água corre e as pedras são estáticas. Essa composição é mágica (morador migrante/sexo masculino/36-45 anos/serralheiro).

Segue-se da escolha destas paisagens, a opção de dois sujeitos desse grupo pela Estrada para os Saltos (Fotografia 10; Fig. 11), selecionada porque oferece a possibilidade de deslocamento, fluxo natural. Mas, também, foi preferida por lembrar afetivamente outros lugares:

Lembra o sertão. Eu nasci no Maranhão, lá tem muita estradinha, assim. Aquele sertãozinho é lindo (morador migrante/sexo masculino/36-45 anos/comerciante).

Assim, essa paisagem entrelaça os sentidos de espaço e tempo, pois é cenário de um lugar do passado desse morador, guardado na memória e que permanece vivo em imagem e sentimentos através de suas lembranças. Isto mostra que é, "[...] através do pensamento reflexivo que os momentos fugidios do passado são trazidos para perto de nós na realidade presente e ganham uma certa permanência" (TUAN, 1983: 164).

Seguindo a análise, conforme o número de preferências dos grupos por cada paisagem, retornamos aos **moradores nativos** que deram pouca importância para as paisagens das *Corredeiras*, da *Piscina Natural do Salto II*, da *Flor do Candombá* e da *Estrada para os Saltos*.

A escolha desse grupo pela paisagem da Estrada para os Saltos tem o mesmo número de opção feita pelos moradores migrantes, mas com justificativas diferentes. Os nativos percebem a Estrada com um sentido voltado para os seus propósitos reais de deslocamento mesclado com significados subjetivos revelados por sentimentos topofóbicos e topofílicos. Ela é vista como um caminho que, provoca: *tristeza na volta dos passeios e o desejo de retornar. Significa, também, liberdade, vontade de ir em frente e ver o final.*

Em relação a paisagem das *Corredeiras* verifica-se, nas escolhas desses sujeitos, valores estéticos. Escolhida porque oferece possibilidades de banho e pela visão que o conjunto pedras, nuvens e céu azul oferece. Quanto à *Piscina Natural do Salto II*, valores utilitários são ressaltados, juntamente com os estéticos. Sua escolha recai na beleza e na água que *limpa, purifica e mata a sede.*

Apenas dois sujeitos do grupo dos nativos fizeram opção pela Paisagem da Flor do Candombá. Esse número de opções difere, consideravelmente das escolhas dos migrantes e dos turistas para os quais essa paisagem tem muita relevância. A preferência dos nativos pela Flor do Candombá é baseada fundamentalmente na beleza que a torna um componente significativo do cerrado. No entanto, a percepção de contraste com a vegetação seca do cerrado, mais uma vez é manifestada. O registro de um dos sujeitos exemplifica as considerações levantadas:

Mostra beleza do cerrado, apesar de tanta secura (morador nativo/sexo masculino/até 25 anos/artesão).

Devido às duras condições climáticas, edáficas e hídricas que determinam a existência do cerrado ⁴, criou-se um dogma de que este é um tipo de vegetação pobre, constituído somente de árvores tortas sobre terras secas e ásperas. Essa idéia da rusticidade e pobreza do cerrado, de certa forma, influenciou a percepção de vários dos habitantes desse ecossistema.

Ainda, entre esse grupo de moradores, as paisagens da *Piscina Natural das Corredeiras* (Fotografia 12; Fig. 10); da *Vereda-Buritis* (Fotografia 11; Fig. 14) e da *Vereda e Relevo* (Fotografia 14; Fig. 15), encontram-se com apenas uma preferência. A escolha da *Piscina Natural das Corredeiras* se deve a segurança que ela oferece a um indivíduo que não sabe nadar. Quanto às veredas, aquela representada pela fotografia 11, é percebida por ser um símbolo da água, *rara em algumas regiões*, enquanto que a outra exibida pela fotografia 14, significa as lembranças da época do garimpo, uma vez que este vincula o sujeito à paisagem. Para ele, essa paisagem não é apenas um aspecto cênico interessante ou bonito, ela tem uma história, responsável por sentimentos que faz dela um lugar. Nesse caso, a "[...] consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar" (TUAN, 1980:116):

Lugar, onde já passei várias vezes, me traz lembranças, recordações. Já dormi atolado aqui (morador nativo/sexo masculino/mais de 55 anos/comerciante/ex-garimpeiro).

Entre o grupo formado pelos **moradores migrantes**, diversas paisagens obtiveram somente a preferência de um sujeito. Uma delas, as *Corredeiras* (Fotografia 02; Fig. 12) teve sua escolha fundamentada no turista que nela aparece, despertando a atenção do morador para os seguintes questionamentos:

Qual o papel do turista? Qual a importância para a paisagem ter o turista? (morador migrante/sexo masculino/36-45 anos/artista plástico).

Entendemos que transparecem, nessas questões, certa rejeição ao uso da paisagem pelo turismo.

Uma outra paisagem que teve apenas uma preferência dos migrantes foi a *Piscina Natural do Salto II* (Fotografia 07; Fig. 13), escolhida pela possibilidade de nadar. Cumpre observar que as paisagens das piscinas naturais, tanto das corredeiras quanto dos Saltos, oferecem sempre à percepção dos sujeitos como um tipo de lazer, que é a natação.

Já a *Vegetação do Cerrado e Relevo* (Fotografia 04; Fig. 16); a *Vegetação do Cerrado em várias Fitofisionomias* (Fotografia 05; Fig. 8); os *Afloramentos Rochosos e Vegetação do Cerrado* (Fotografia 06; Fig. 17); a *Vegetação-Árvore do Cerrado* (Fotografia 08; Fig. 18) são paisagens percebidas pelos migrantes como aquelas que retratam o cerrado. Uma expõe uma diversidade de plantas; outras, a beleza ou o contraste com as rochas, mas a todas elas atribuem valor ecológico fundamentado no tipo de vegetação. A *Vereda-Buritis* (Fotografia 11; Fig. 14) é percebida tanto pelos migrantes quanto pelos nativos, como aquela que oferece água em meio a um local seco, no caso, o cerrado.

A única paisagem que não foi escolhida por esse grupo formado por moradores migrantes é a *Vereda e Relevo* (Fotografia 14; Fig. 15).

1.2. Paisagens que desagradam os "de dentro"

Ao mesmo tempo em que as paisagens agradam a uns, desagradam a outros. Daí, as respostas às paisagens do Parque não são apenas de natureza topofílicas, incluem,

também, aspectos negativos e ambíguos para determinados sujeitos.

No grupo formado pelos moradores nativos, 69% dos pesquisados consideram que não há entre as paisagens apresentadas, alguma que lhes desagrade e 13% dos sujeitos inquiridos não responderam a questão, mas os 18 % restantes demonstraram desagrado pelas seguintes paisagens: O *Canyon II*, pela insegurança percebida devido a profundidade e ao fato de não saber o que tem lá em baixo; a *Estrada para os Saltos* é desagradável por ser percebida como uma alteração nos elementos naturais da paisagem do Parque e não apresenta uma devida utilidade:

É um sinal de civilização em uma área que deveria ser totalmente natural (morador nativo/sexo masculino/até 25 anos/artesão).

Essa estrada não serve nem de enfeite, está estragando o Parque e não dá socorro a quem está precisando (morador nativo/sexo feminino/26-35 anos/guia).

Entre os **moradores migrantes** essa paisagem da Estrada desagrada a 25% dos pesquisados e suas razões são, basicamente, as mesmas apontadas pelos nativos. Para um sujeito ela desagrada porque está dentro do cerrado, sem objetivo. Outro ressalta que ela:

[...] deixa a galera da globo e deputados chegarem na cachoeira sem caminhar (morador migrante/sexomascuino/26-35 anos/guia).

Um único migrante acha desagradável a paisagem da *Cachoeira do Salto II* por ali ter morrido um médico, deixando em evidência sentimentos topofóbicos provocados em função da desagradabilidade do fato acontecido. 63% dos migrantes pesquisados não encontraram paisagens desagradáveis, e 12% não responderam a esse questionamento.

1.3. Outras Paisagens ao Olhar dos "de dentro"

Com o objetivo de identificar a existência de paisagens significativas para os sujeitos pesquisados, mas que não estivessem incluídas nas imagens apresentadas, expusemos no questionário um item que possibilitou a inclusão de outra paisagem.

A maioria dos moradores tanto nativa quanto migrante incluiu outras paisagens. Entre os nativos apenas dois não incluíam qualquer paisagem, acrescentando que todas as paisagens do Parque foram exibidas nessa estratégia. Quanto aos migrantes, três deles não acrescentariam outras paisagens e, também, revelaram que o Parque está bem representado na amostra a eles oferecida.

A maior parte das paisagens incluída pelos sujeitos dos dois grupos - nativos e migrantes - está fora da área de visitação turística do Parque. e são paisagens consideradas de grande beleza cênica.

Dentro do espaço do Parque permitido a visitas, as paisagens a serem incluídas foram do *Canyon I*, visitado somente em períodos de estiagem. Como todas as imagens

fotográficas foram produzidas na estação chuvosa, essa paisagem não se encontra entre aquelas por nós exibidas. As veredas que por sinal constam entre as imagens apresentadas através das imagens, a imagem aérea do *Salto I* e a "hidromassagem" das Corredeiras, também, aparecem entre as paisagens visitadas, a serem incluídas.

Assim, impregnadas de significados a paisagem do Parque emana diversos sentimentos topofílicos ou topofóbicos manifestados por aqueles que ali vivem:



Figura 3. Fotografia 03: Cachoeira das Cariocas



Figura 4. Fotografia 01: Paredões e Vale na Chegada aos Saltos



Figura 5. Fotografia 15: Cachoeira do Salto I



Figura 6. Fotografia 16: Flor do Candombá



Figura 7. Fotografia 13: Canyon II



Figura 8. Fotografia 05: Vegetação do Cerrado em várias fitofisionomias

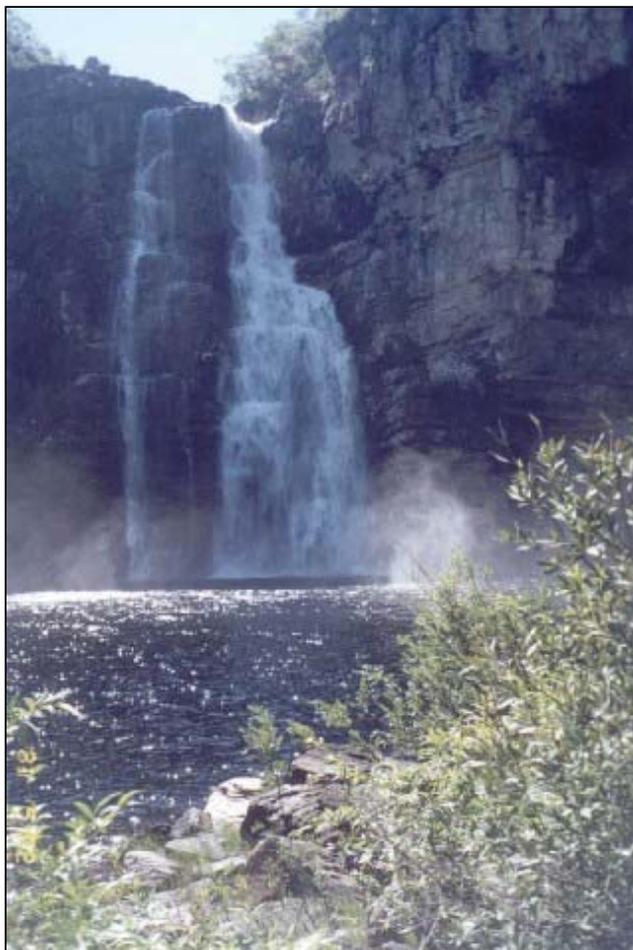


Figura 9. Fotografia 09: Cachoeira do Salto II



Figura 10. Fotografia 12: Piscina Natural das Corredeiras



Figura 11. Fotografia 10: Estrada para os saltos



Figura 12. Fotografia 02: Corredeiras

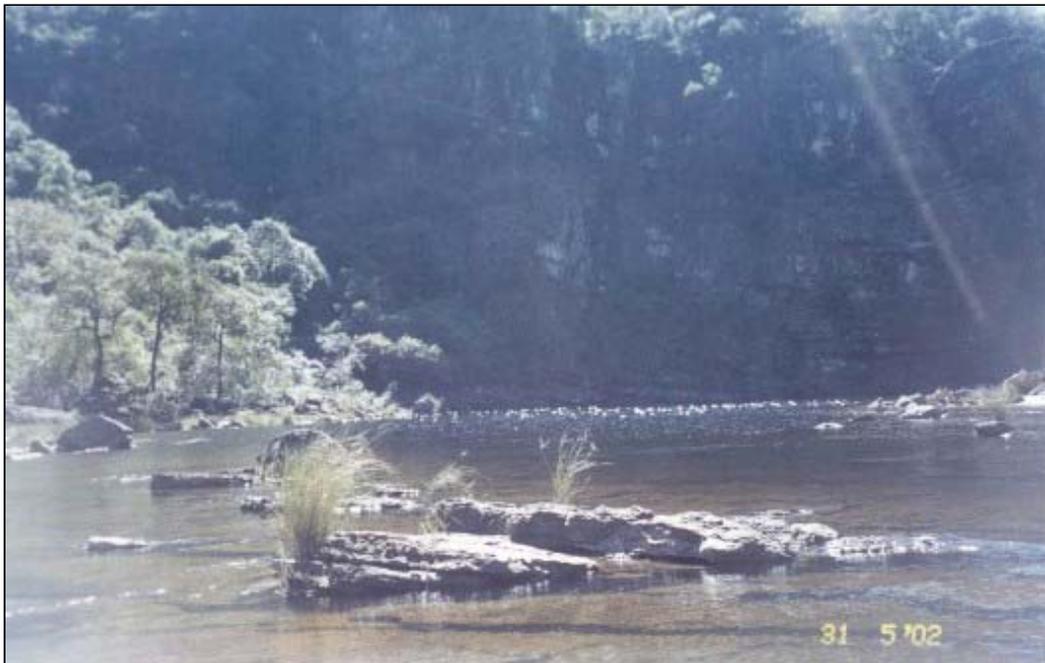


Figura 13. Fotografia 07: Piscina Natural do Salto II



Figura 14. Fotografia 11: Vereda-Buritis



Figura 15. Fotografia 14: Vereda e Relevo

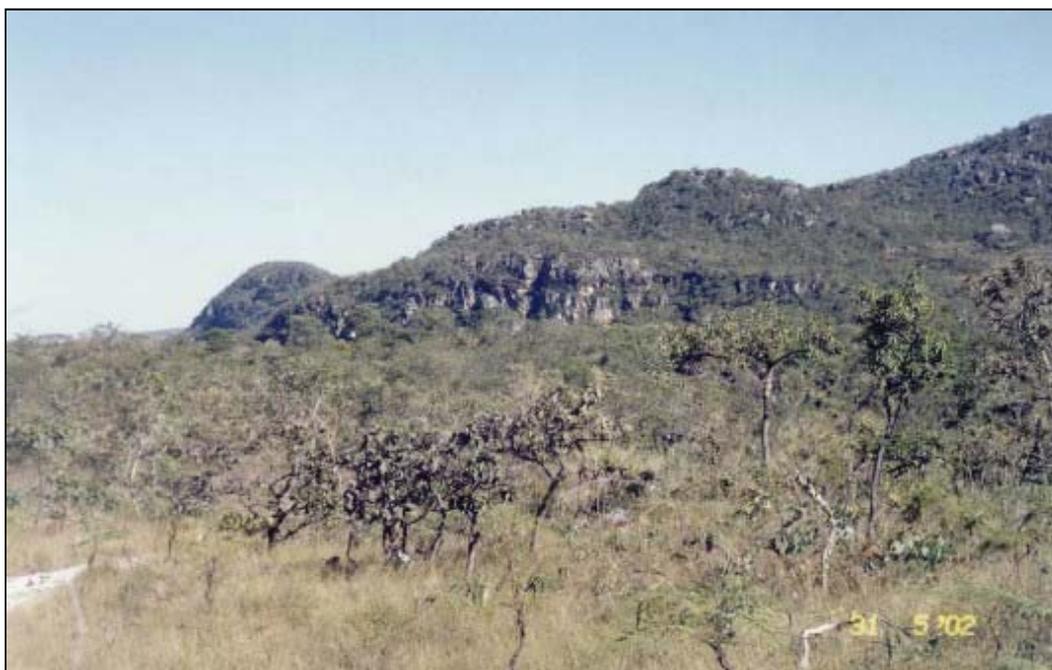


Figura 16. Fotografia 04: Vegetação do Cerrado e Relevo



Figura 17. Fotografia 06: Afloramentos Rochosos e Vegetação do Cerrado



Figura 18. Fotografia 08: Vegetação-Árvore do Cerrado

1.4. Paisagens que atraem o olhar dos "de fora"

*Apesar de ter vindo várias vezes, repetido os lugares,
cada vez fico deslumbrado com a paisagem.
(Turista/sexo masculino/36-45 anos)*

Quanto ao grupo formado pelos turistas as paisagens que obtiveram maior número de preferências são as mesmas escolhidas pelos moradores, variando apenas quanto à ordem de classificação. Somando-se as opções, se verificam que as três paisagens mais

preferidas são: a *Cachoeira do Salto I*; a *Flor do Candombá* e os *Paredões e Vale* na chegada aos *Saltos* (Fotografias 15, 16 e 01; Figs. 5, 6 e 4).

As justificativas pela escolha das paisagens do *Salto I* e dos *Paredões e Vale* basearam - se nas expressões *beleza e altura*; *força da natureza*; *beleza e força da queda, pelo estado de contemplação*. Esses sujeitos demonstraram que respondem à paisagem utilizando mais a visão do que qualquer outro sentido. Ainda que fascinados pela beleza estética dos paredões e pela sensação de lugar ideal para lazer, os sujeitos evidenciaram e valorizaram os componentes paisagísticos que se integram e se complementam. Verificou-se, ainda, nas expressões de um turista, significados subjetivos, manifestados como sentimentos de: *harmonia e equilíbrio, sensação de paz e imensidão*. Algumas justificativas evidenciam as percepções desse grupo:

Pedras, árvores e água, cada um em seu espaço, se respeitando. Água alimenta a árvore que protege as pedras (turista/sexo feminino/até 25 anos).

Vista geral da preservação do Parque e da harmonia da vegetação, montanhas, rio, céu (turista /sexo masculino/26-35 anos).

Lugar perfeito para rapel (turista /sexo feminino/26-35 anos).

É interessante também observar a percepção, permeada de valores místicos atribuídos por um dos pesquisados:

Vales sugerem segredos, mistérios, vida subterrânea (turista/sexo masculino/36-45 anos).

As respostas com conotações estéticas à paisagem levam-nos a entender que valorizam-na positivamente e manifestam sentimentos que variam " [...] *do efêmero prazer que se tem de uma vista até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mais muito mais intensa, que é subitamente revelada*" (TUAN, 1980:107).

Com relação à *Cachoeira do Salto I*, além da beleza, altura e exotismo do cerrado, destaca-se também a sensação de grandiosidade e inatingível, conforme mostra alguns registros:

Altura da queda, formação rochosa, o véu que se forma na queda. Tudo faz deste lugar ponto de destaque e beleza (turista/sexo masculino/36-45 anos).

Por ser grandiosa e inatingível (turista/sexo feminino/36-45 anos).

Apesar dos turistas manifestarem valores ecológicos e ressaltarem alguns componentes, utilizando as expressões: *grande quantidade de água e mata verde em época de seca*, é acentuada nas manifestações a valorização estética e de lazer pela

Cachoeira do Salto I. Nela não é permitido chegar ao poço que se forma no final da queda para nadar, como é possível nas *Cachoeiras do Salto II* e das *Cariocas*. No entanto, é a paisagem que mais chama a atenção dos turistas, despertando sentimentos de topofilia, movidos por uma forte atração visual. Cumpre notar que essa cachoeira é percebida por turistas e, grande parte dos migrantes como grandiosa e inatingível. Já para antigos garimpeiros nativos e poucos migrantes ela evoca o garimpo, e faz-se presente nas lembranças desses moradores por ter sido atingível, vivenciada e experienciada em tempos passados.

Quanto à *Paisagem da Flor do Candombá*, as justificativas apresentadas também têm como base os valores estéticos. O cerrado é valorizado por oferecer essa composição, que expõe ao olhar do turista a percepção de contraste com o solo seco e pedregoso. A percepção das cores dessa paisagem também é bem destacada pelas palavras: *cores maravilhosas, colorido na vegetação do cerrado*. Ao falar das cores e dessa contraposição das flores com as características climáticas do cerrado, os indivíduos deixam ver traços que se podem dizer de uma identidade do cerrado culturalmente construída.

Além dessas paisagens foram eleitas as da *Cachoeira do Salto II* e a do *Canyon II* (Fotografias 09, 13; Figs. 09 e 07). Com relação ao *Salto II*, se verifica nas justificativas dos pesquisados, também fortes valores estéticos e de lazer, mesclados com significados subjetivos, manifestados pelas expressões *três belezas: cachoeira, céu e vegetação; lugar mais bonito do Parque; beleza, força e poço maravilhoso para banho; adrenalina, paz e prazer*.

Os sentimentos topofílicos expressos diante da paisagem do *Canyon II*, também, não deixam de desvelar o valor estético atribuído frente à beleza dessa paisagem. Um dos turistas mescla esses sentimentos topofílicos com topofóbicos. Ele declara que essa paisagem tem uma beleza superior que:

*[...] transmite uma sensação diferente e indefinida.
Quando estamos perto sentimos medo, alegria, curiosidade,
tudo (turista/sexo feminino/26-35 anos).*

Certifica-se, por meio das expressões dos sujeitos, a acentuada presença do elemento água observado diante da paisagem do *Canyon II*, valorizando-o esteticamente no conjunto com outros componentes, como podemos ver em algumas justificativas dadas pelos turistas:

*Pelas formas, movimentação da água e o visual
dos morros (turista/sexo feminino/até 25 anos).*

*Pelo contraste pedras, cerrado e cor
da água (turista sexo masculino/36-45 anos).*

Observa-se, ainda, uma forte preferência pela *Cachoeira das Cariocas* e pela *Piscina Natural do Salto II* (Fotografias 03 e 07; Figs. 03 e 13) respectivamente. Destacam-se nas justificativas dos sujeitos, especialmente, a água. No caso da *Cachoeira das Cariocas* a beleza da paisagem tem forte poder de atração, conforme as seguintes manifestações:

Pela linda paisagem, pelas duchas, pelo visual chapante da chapada (turista/sexo masculino/até 25 anos).

Pela beleza, gosto da água nas pedras (turista/sexo feminino/26-35 anos).

Água e rocha, beleza ímpar (turista/sexo masculino/36-45 anos).

Outro visitante denota ser atraído pela imagem de paraíso que essa paisagem lhe transmite. Novamente a idéia de lugares paradisíacos apreciados e reverenciados pelo homem da cidade é reafirmada pelo olhar do turista, que se referiu à paisagem da *Cachoeira das Cariocas* da seguinte forma:

*Das paisagens do Parque é que mais me identifico e **tenho a impressão de ser um paraíso perdido** (turista/sexo feminino/36-45 anos).*

Essa percepção de Paraíso, ainda presente na sociedade moderna, pode ser explicada pela simples razão de que o homem contemporâneo, ao mesmo tempo em que está inserido na Natureza, em outro sentido, foi arrancado dela. Diegues (2000) confirma isso, quando considera que a persistência da idéia de áreas naturais como paraíso, apesar das evidências da interferência do homem nos diversos ecossistemas, está muito relacionada ao fato das sociedades urbano-industriais terem perdido o contato cotidiano com o meio rural.

Por outro lado a percepção do turista, como já comentamos, pode ter sido influenciada pelas imagens criadas e transmitidas pelas campanhas publicitárias. "A insatisfação nascida do quadro de vida urbano é exacerbada, vendendo-se o espaço turístico como paraíso" (RODRIGUES, 1999: 90). Nesse caso o homem urbanizado, amontoado nas cidades, afastado da terra e das possibilidades de vivenciar e experimentar o contato com a Natureza, cria lugares de beleza primitiva anterior a intervenção humana.

Com relação à paisagem da *Piscina Natural do Salto II*, o destaque maior é para a água que, individualmente ou em conjunto com outros componentes, aparece nos registros dos sujeitos, principalmente, ligada aos sentimentos topofílicos de *calma, pureza, tranqüilidade e harmonia* e como possibilidade de lazer:

Água cristalina, sol, verde, rochas, expressam calma, serenidade e beleza (turista/sexo feminino/até 25 anos).

Pelo conjunto mostrando um pouco os lugares para banho (turista/sexo feminino/36-45 anos).

As paisagens da *Piscina Natural das Corredeiras*, das *Corredeiras* e da *Vegetação-Árvore do Cerrado* representadas respectivamente pelas fotografias 12, 02, 08 (Figs.10, 12, 18) não se situam como as mais preferidas pelos turistas. A *Piscina Natural* e as *Corredeiras* foram escolhidas pela apreciação visual e porque oferecem *água limpa e renovação para nadar, paz, tranqüilidade, beleza submersa*, como também por agradar

com suas *pedras em formas rústicas*. É interessante observar que os componentes água e pedra da paisagem representada pela fotografia 02, inspirou um turista a apresentar suas justificativas em forma de poesia:

*É um início, a água é um pincel, a pedra é molde,
enxergo seu rosto nesse papel...* (turista/sexo feminino/até 25 anos).

A *Vegetação-Árvore do Cerrado* representada pela fotografia 08 é percebida como um dos componentes que dá identidade ao cerrado, atribuindo-lhe significados ecológicos. Nenhum outro componente dessa paisagem foi percebido, sobrepondo a imagem do cerrado como uma vegetação tipicamente definida por árvores retorcidas, conforme apresenta a fotografia. Vista como a diferença traduzida na *escultura do cerrado*, essa paisagem foi escolhida por alguns sujeitos que justificam suas opções da seguinte forma:

*A árvore do cerrado tem uma cara diferente de qualquer
outra árvore.*(turista sexo feminino/até 25 anos).

*Pela exclusividade, no caso do cerrado, pelo
endemismo* (turista/sexo masculino/26-35 anos).

Um outro sujeito escolhe essa paisagem através de filtros conceituais, uma vez que se utiliza de uma linguagem científica, justificando seu critério através das seguintes expressões:

*Retrata bem o aspecto paisagístico do cerrado, o extrato
herbáceo e o arbóreo* (turista/sexo feminino/26-35 anos).

Nesse caso, discutindo as diferenças lingüísticas na percepção do meio ambiente Lowenthal (1982:129) considera que a linguagem se adequa a visão do mundo, "[...] *justamente como o meio ambiente modela o vocabulário: dentro de uma simples geração, a loucura pela patinação deu-nos muitas palavras diferentes para a neve, assim como os esquimós também as possuem.*" O autor acrescenta, ainda, que os padrões lingüísticos não aprisionam os sentidos, mas, preferencialmente, conduzem a percepção e o pensamento para certos canais habituais.

Selecionadas por poucos turistas, as paisagens da *Vereda-Buritis* (Fotografia 11; Fig. 14); da *Estrada para os Saltos* (Fotografia 10; Fig. 11) e dos *Afloramentos Rochosos e Vegetação do Cerrado* (Fotografia 06; Fig. 17) tiveram pequena relevância. A *Vereda-Buritis* é percebida como um tipo de vegetação que chama atenção, principalmente por ser de áreas úmidas, contrapondo-se à seca do cerrado.

A pouca preferência pela *Paisagem da Estrada* mostra que os componentes construídos não são percebidos e valorizados com a mesma intensidade que os componentes naturais. Pelos registros, subentende-se que esta paisagem é percebida pelos turistas, assim como pelos moradores, conforme os propósitos de deslocamento através desta, como podemos notar nas justificativas desses sujeitos:

Apresenta visão ampla (turista/sexo feminino/26-35 anos)

*Faz meditar, porque é um caminho que eu imagino
onde vai dar e também pelo céu e nuvem
(turista/sexo masculino/26-35 anos).*

Um dos sujeitos que escolheu essa paisagem revela uma percepção despertada pelas lembranças de outros momentos vividos; suas expressões induzem a pensar que o cerrado lhe transmite tristeza e solidão. A percepção desse turista, possivelmente, é movida pelos padrões culturais que definem o cerrado como feio, seco, pobre e triste. Segundo esse sujeito a *Estrada para os Saltos* chama atenção, porque:

*[...] recorda viajar pelas estradas do Centro Oeste e
a **desolação do Cerrado** (turista/sexo masculino/36-45 anos).*

A preferência de um único sujeito pela paisagem dos *Afloramentos Rochosos e Vegetação do Cerrado* justifica-se por uma visão mística permeada por valores metafóricos. Suas manifestações são povoadas pelas antigas histórias de entes sobrenaturais, possivelmente influenciadas pela cultura sertaneja através da literatura ou por contos, relatos vivenciados, uma vez que este turista é residente em uma grande metrópole, normalmente, distante deste universo simbólico. Nesse caso, Tuan (1983), vem ao nosso encontro revelando em seus estudos sobre espaço mítico que este "[...] é um *constructo intelectual*." Daí vale destacar o mundo construído como resposta dos sentimentos e da imaginação do turista diante da paisagem dos *Afloramentos Rochosos*:

*Nesses conjuntos rochosos habitam caiporas, curupiras,
sacis e outros serezinhas do mato. Sempre que eu passo
por eles, estou sendo observado (turista/sexomascuolino/36-45 anos).*

Finalmente, verifica-se que não houve opção pelas paisagens da *Vegetação do Cerrado e Relevo*; da *Vegetação do Cerrado em várias Fitofisionomias* e pela *Vereda e Relevo* representadas respectivamente pelas fotografias 04, 05 e 14 (Fig. 16, 8 e 15). Nota-se aí uma ausência de preferências por paisagens que retratam fortemente a vegetação.

1.5. Paisagens que Desagradam os "de fora"

Questionados a respeito de algumas das paisagens apresentadas lhes desagradarem, 70% dos turistas que participaram da pesquisa responderam de forma negativa, e 13% não responderam essa questão. Entretanto, 17% deles destacaram certas paisagens, entre elas, a que obteve maior número de escolhas foi a *Estrada para os Saltos*. Os fatores que levam a rejeição dessa paisagem são: *as trilhas que deveriam ser mais fechadas; a distancia para chegar as cachoeiras e porque lembra o cansaço da volta.*

Duas outras paisagens também desagradam um sujeito, sendo cada uma delas: a *Vegetação do Cerrado em várias Fitofisionomias*, (Fig. 8), porque provoca sentimentos topofóbicos de *solidão e medo* e a *Flor do Candombá* (Fig. 6), que segundo o turista ela:

Apresenta apenas um elemento da paisagem, a sensação transmitida pela foto é de uma harmonia humanizada, o que na realidade não ocorre no meio em que a espécie ocorre (turista/sexo feminino/26-35 anos).

É interessante destacar que essa paisagem foi uma das mais preferidas pelos próprios turistas como paisagem que mais chama atenção, recebendo variados significados e despertando sentimentos topofílicos, especialmente pela beleza estética. Alguns destes sujeitos, inclusive, escolheram esta paisagem por ela não representar harmonia, mas se contrapor com o clima e o solo do ambiente que a sustenta.

Uma outra paisagem que não atende a preferência de um dos turistas é a da *Vegetação-Árvore do Cerrado* (Fig. 18), que justifica sua opção da seguinte forma:

[...]árvores do cerrado não me agradam visualmente (turista/sexo masculino/36-45 anos).

Esse registro enfatiza que aquilo que não atrai visualmente é percebido como desagradável, mostrando assim a força do valor estético.

Por último, a paisagem da *Vereda-Buritis* (Fig. 14) descontenta um turista porque, segundo ele, *não têm muitos elementos e cores*. Essa visão também ressalta a importância dada ao valor estético de uma paisagem. A vegetação é um componente valorizado, estética e ecologicamente, no conjunto com outros elementos da paisagem, mas visto isoladamente teve pouca relevância.

1.6. Outras Paisagens ao Olhar dos "de fora"

Com respeito à inclusão de uma outra paisagem, 13% dos turistas não incluíam nenhuma paisagem, inclusive, alguns deles acrescentaram que o Parque está bem representado nas fotografias, as quais mostram muita coisa que o turista não conhece. Outros sujeitos acrescentaram que não se lembram de outras paisagens. 25% dos turistas não deram respostas a essa questão. No entanto, os outros 42% incluíam uma outra paisagem. Aqueles turistas que já freqüentavam o Parque antes das limitações de uso, conhecem outras áreas e acrescentariam paisagens que, atualmente, não estão abertas à visitação.

Dentro da área de visitação turística do Parque seriam incluídas plantas carnívoras existentes ao longo das trilhas, que segundo alguns turistas são interessantes, bonitas e exóticas. Essa inclusão, uma vez que são de pequenos componentes e em alguns pontos da paisagem denotam uma capacidade de observação mais detalhada.

Um único turista acrescentaria os pontos de extração do cristal, pois, conforme ele, são paisagens que contam um pouco sobre o início do Parque. Isto deixou entender que o sujeito valoriza e se interessa pela história, a cultura do lugar.

O *Canyon I*, também, é uma paisagem dentro do espaço visitado no Parque que seria acrescentado pelos turistas. Dois sujeitos registraram a inclusão de outro ângulo *das Cariocas* e da *Piscina do Salto II*, mostrando que observaram essas paisagens.

No entanto o fato de grande parte dos turistas não se atentarem para nenhuma paisagem além das apresentadas, possivelmente, revela que estes sujeitos viveram uma relação transitória, superficial e efêmera com as paisagens do Parque. Segundo Tuan (1980), a apreciação da paisagem só perdura além do efêmero e os nossos olhos ficam presos ao cenário quando a observação é mesclada com lembranças de outros acontecimentos ou quando se combinam prazer estético com curiosidade científica.

Diante das respostas aqui se pode verificar que as diferentes e imbricadas experiências ambientais vivenciadas pelos sujeitos com a paisagem do Parque evidenciam em diversos ritmos e intensidades "[...] *uma heterogeneidade de culturas convivendo e partilhando uma mesma paisagem em interações íntimas e profundas, lado a lado*" (Lima, 2001: 338).

2. Considerações Finais

Os olhares aqui apresentados elucidam que a paisagem do Parque revela diferentes significâncias para os grupos, conforme a experiência destes para com ela. Numa interface entre o mundo subjetivo e objetivo, essa paisagem é um cenário de encontros e sobreposições de valores e significados variados que, em diferentes escalas, partem daqueles que direta ou indiretamente a vivenciam.

Esses diversos olhares conferem ao *Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros* a condição de cenário exposto à contemplação e lazer, especialmente das populações urbanas, mas essa paisagem vai muito além do visual oferecido pela Natureza. Ela é, antes de tudo, fruto da história e da cultura materializada em diversos momentos e num processo de contínuas transformações, conduzidas principalmente pelo ritmo do turismo, se traduzem em diversas paisagens carregadas de significados múltiplos.

Mediadas pela subjetividade e plenas de valores e significados simbólicos essas paisagens devem ser interpretadas no contexto histórico das sociedades que as vivenciam. Nelas "[...] *encontramos os vestígios, as reminiscências, as relíquias da magnitude da história vivida pelas sociedades das diferentes culturas num passado remoto ou não, ou ainda no presente - futuro da contemporaneidade*" (LIMA, 2000: 08). Também nessas paisagens são encontrados os recursos para a fuga dos olhares cotidianos em busca do extraordinário que o turismo mobiliza. Elas são vivenciadas mediante a memória e visibilidade das percepções e imagens de diferentes grupos. Portanto, impregnadas de valor simbólico e estético, encerram diversas ambiências experienciadas.

NOTAS

1. Os *"de dentro"* são aqui considerados os moradores da Vila de São Jorge, situada a 1 Km do Portão de entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Cabral (2001),

Luchiari (1997), Tuan (1983), dentre outros abordam essa dualidade do olhar referindo-se a moradores e visitantes/turistas ou nativos e visitantes. A expressão "de dentro" e "de fora" é referenciada em Almeida (1998).

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

2. Os moradores da Vila de São Jorge que chegaram à região em função das atividades de extração do cristal e fundaram a Vila e, aqueles "nascidos e criados" ali, consideram-se e identificam-se como moradores nativos diferenciando-se dos grupos que, principalmente, em função da atividade turística migraram para a Vila num período mais recente. Assim, faremos uso da terminologia nativo no sentido de distinguir a população tradicional dos novos grupos migrantes, pois um "[...] dos critérios mais importantes para definição de culturas ou populações tradicionais, além do modo de vida, é, sem dúvida, o reconhecer-se como pertencente aquele grupo social particular" (DIEGUES, 2000: 88).

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

3. Todas as fotografias foram produzidas pela autora. A data da realização do documentário fotográfico consta na própria foto.

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

4. Sobre a caracterização da região dos cerrados ver Dias (1996).

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. *Em busca do poético do sertão*, **Revista Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 6, p. 35-45, jul./dez. 1998.

AMARAL, Dulce Vidigal do. **As percepções da comunidade tradicional sobre as relações que envolvem o ecoturismo na Chapada dos Veadeiros: o município de Alto Paraíso de Goiás**, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia), UNB, Brasília.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

BERQUE, Augustin. *Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998, pp. 84-91.

BLEY, Lineu. **Morretes: estudo de paisagem valorizada**. Tese (Doutorado em Geografia) UNESP, Rio Claro, São Paulo, 1990.

BOSI, Alfredo. *Fenomenologia do olhar*. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. pp. 65-88.

CABRAL, Luiz Otávio & BUSS, Maria Dolores. *A paisagem como campo de visibilidade e de significação: um estudo de caso*. **OLAM - Ciência e Tecnologia**. ALEPH Engenharia e Consultoria Ambiental. Rio Claro, São Paulo, v. 1, n.2, pp.166-186, nov. 2001.

DIAS, Bráulio F. de Souza (Coord.). **Alternativas de desenvolvimento dos cerrados: manejo e conservação dos recursos naturais renováveis**. Brasília: Fundação Pró-Natureza, 1996.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

LIMA, Solange T. de. *Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem*. **GEOSUL**, Departamento de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFSC, Florianópolis, v.15, n.30, pp.07-33, jul./dez. 2000.

LIMA, Solange T. de. *Filigranas de uma paisagem: um estudo sobre a percepção de lugares do medo*. **OLAM - Ciência e Tecnologia**. ALEPH Engenharia e Consultoria Ambiental. Rio Claro, v. 1, n.2, pp.332-372, nov. 2001.

LOWENTHAL, David. *Geografia, experiência e imaginação em direção a uma epistemologia geográfica*. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. pp. 103-141.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. *Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista*. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo. Modernidade. Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997, pp. 136-154.

MACHADO, Lucy Marion C. P. **A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada**. 1988. (Doutorado em Geografia), UNESP, Rio Claro, São Paulo.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A paisagem como fato cultural*. In: YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, pp. 29-61.

NOGUÉ i FONT, Joan. *El paisaje existencial de cinco grupos de experiencia ambiental. Ensayo metodológico*. In: BALLESTEROS, Aurora García (Ed.). **Geografía y Humanismo**. Barcelona-Espanha: Oikos-tau, 1992. pp.10-17.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Clarinda A. da. **Paisagem campo de visibilidade e de significação sociocultural: Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e Vila de São Jorge**. 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFG, Goiânia, Goiás.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

[\(VOLTAR AO TEXTO\)](#)

Clarinda Aparecida da Silva

Geógrafa, Mestre em Geografia/ UFG; Professora da Rede Municipal de Ensino de Goiânia/GO

Clarindas2@yahoo.com.br

[SUMÁRIO](#)

